

EXPERIÊNCIA E EDUCAÇÃO EM JOHN DEWEY

DILMA OLIVEIRA GARRIDO ALVAREZ¹

Resumo

Este trabalho é fruto de conclusão de curso (TCC), em licenciatura em filosofia. Em face do cenário atual, pós-pandêmico, observei a desmotivação dos estudantes nas escolas do ensino médio e também na universidade, após seis anos consecutivos de ataques à educação das políticas neoliberais e sua permanência para a classe social mais necessitada. Pesquisei no método do filósofo empirista e educador John Dewey, que a educação deveria ser mais sobre aprender fazendo, que memorizar. Foi mostrado com a pesquisa, as inquietações de docentes e estudantes observados nestes seis anos de graduação. Se estendendo também, à sala de aula com os estágios, PIBID e PRP e atualmente como voluntária no programa Educa Mais – Bahia. Pode-se afirmar que o método de Dewey contempla uma educação ativa e significativa para os/as estudantes e mais relevante para o corpo docente, gerando, assim, uma prática pedagógica com mais empirismo e menos memorização dos conteúdos. O estudante com sua inserção ao seu cotidiano, e práticas pedagógicas para o docente, onde gere uma qualidade melhor deste ensino para a sociedade.

Palavras-chaves: educação; estudantes; experiência.

Introdução

O presente trabalho originou da inquietação em transformar a forma de aprendizado de maneira mais alegre, fluida, natural, viva e mais vital. A educação é potencializada, quando a experiência torna-se agradável, prazerosa e envolve todo o processo.

A educação deve preparar o estudante para o mundo com o uso prático, inserindo-o na sociedade, no mercado de trabalho e na política de uma forma mais dinâmica e consciente do seu papel para o bem estar de todos.

O filósofo John Dewey (1859-1952), foi um dos caminhos que levou a contemplar, essa obstinação de discente. O referido filósofo agrega o conteúdo da aula teórica, experienciando. Esse autor defende que a educação deve ser sobre aprender fazendo (educação progressiva) e ser menos memorizada (educação tradicional). No seu método, o educador deve direcionar e construir espaços, para que os estudantes, através da experiência, tenham uma aprendizagem significativa e um crescimento contínuo, se perpetuando ao longo da sua vida.

Como metodologia na licenciatura em filosofia, utilizamos a observação, aplicação e o comparativo diante das aulas ministradas na educação básica, na vida profissional de hotelaria e na universidade (UNEB). Além da experiência adquirida nestes meus sessenta e três anos de vida.

¹ Graduanda em Filosofia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: dilma@dilmaalvarez.com.br

O primeiro subtítulo é discutido sobre às novas especialidades no processo construtivo destes estudantes; a filosofia vinculada a intenção pedagógica; a vivência de uma experiência pedagógica; qualidades das experiências.

O segundo subtítulo aborda sobre o ensino acadêmico e sua docência no ensino médio; o estudante como protagonista neste processo de aprendizado; a experiência e informação como metodologias inversas; e a formação do discente utilizando também as concepções de Dewey.

Como resultado desta pesquisa, a mesma pode servir como objeto de discussão, nas experiências de outros docentes do ensino básico, buscando sempre unir o conhecimento filosófico da academia com a prática do ensino médio.

Novas experiencialidades no processo formativo

Para vivenciamos um ambiente escolar mais pulsante, precisamos entender o conceito da palavra experiência:

a palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimental). a experiência é um primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. o radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. a raiz indo-europeia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a ideia de travessia, e de secundariamente a ideia de prova (Bondía, 2002, p. 25).

Então, se a palavra experiência é antiga e advém de vários outros idiomas, conforme Bondía, travessia, prova, perigo, passagem, pirata e como significado de várias línguas indo-europeia, nos dá um espectro amplo quando trazemos para a nossa vida, nosso cotidiano e nossa sala de aula. A experiência nada mais é do que uma travessia pelo inusitado, pelo novo, pelo inesperado. Se formos passear na palavra “pirata” (*peiratês*), que faz parte da palavra experiência, nas nossas línguas é um misto de perigo, curiosidade, inovação e mais do que nunca aventura. E nesta viagem não sabemos o que vai suceder, passar e nem como terminará. Apesar de termos todo o *script* da viagem, o plano de aula, porém, o novo será sempre o inusitado. Fugirá da rotina, trará novas cores, sons, músicas, paisagens e pessoas para compor esse cenário. Contudo, a experiência também se concretiza quando a recordamos e dizemos, vivi uma experiência. Conforme Dewey, “[...] o retorno a uma cena de infância, deixada anos antes, inunda o local com uma liberação de lembranças e esperanças refreadas” (Dewey, 2010, p. 91).

Daí, sabemos o quanto alguns momentos ficaram gravados em nós e talvez não temos ideia de quando iremos lembra-los. E a experiência nos marca muitas vezes de uma maneira positiva, mas também de formas duras e dolorosas.

Para nós educadores, quando adentramos uma sala de aula imaginamos o aprendizado, no entanto, não temos a certeza do que vai suceder com o conhecimento que partilhamos com aos nossos estudantes. Sabemos o conteúdo, compartilhamos conhecimento, todavia não temos a certeza de como isso reverberará no alunado.

É um grande erro supor, mesmo tacitamente, que a sala de aula tradicional não seja um lugar de experiências. No entanto, isso é admitido tacitamente quando a educação progressiva, como um plano de aprendizagem por experiência, é situada em oposição radical à escola tradicional (Dewey, 2023, p. 26).

Todos nós vivemos experiências na sala de aula algumas vezes má ou boa, porém, a experiência na educação tradicional não está focada ultimamente no futuro deste estudante. Não mostramos onde determinado assunto irá nos levar, talvez isso seja uma falha nossa ao passar os conteúdos específicos dos componentes. Acredito que temos que suscitar no aluno a curiosidade em como aplicar determinado aprendizado na sua vida atual e futura. E a filosofia tem um leque vasto, seja na política, na religião, nos costumes, na educação e na sociologia.

A cada novo/a filósofo/a podemos entremear com um tema atual, fomentando pesquisas em livros, em jornais, em TV e em mídias digitais que é a grande novidade e afronte para essa educação contemporânea, “[...] o fato de a educação tradicional ser uma questão de rotinas na qual os planos e programas são herdados do passado não significa que a educação progressiva seja uma questão de improvisação sem planos” (Dewey, 2023, p. 29). Na educação progressiva que é baseada na vida futura, ela não se diz mais fácil que a educação tradicional, ao contrário é mais difícil e exige muito mais conhecimento em diversas áreas como: teatro, música, artesanato, jardinagem, poesia e prosa, enfim, cultura em geral, até as práticas voltadas para uma profissão que dependem de conteúdo específicos de cada uma delas.

Ensino acadêmico e à docência

Não existe melhor lugar para se exercitar o pensamento filosófico entre adolescentes e jovens, de maneira lúdica, envolvido numa prática de vínculos relacionais amistosos, que o território da sala de aula. Adentrar esse espaço da escola com uma proposta do ensino de filosofia que possa semear o pensar crítico e a sensibilidade juvenil, com suas opiniões, conhecimentos e a conscientização deste indivíduo como cidadão, é um dos grandes desafios da filosofia contemporânea no espaço educativo.

Essa é a discussão que pretendemos desenrolar sobre a educação teórica aprendida na universidade, e a prática dentro da sala de aula de filosofia no ensino médio. Trazendo o filósofo contemporâneo, inspiro-me nesta citação:

Costuma-se pensar a educação do ponto de vista da reação entre ciência e a técnica ou, às vezes do ponto de vista da relação entre teoria e prática. Se o par ciência/técnica

remete a uma perspectiva positiva e retificadora, o par teoria/prática remete sobretudo a uma perspectiva política crítica (Bondía, 2002, p. 20).

Vivenciamos atualmente um contexto do passado se repetindo, na diminuição das horas/aulas das ciências humanas nos currículos do ensino médio o que nos dá uma responsabilidade maior, devido ao futuro destes estudantes e do Brasil. Mobilizar o pensamento filosófico e fazer o aluno aprender a pensar por si próprio, discernir e tomar decisões para ao longo da sua vida adulta é algo complexo e completamente diferente de todos os outros componentes curriculares.

Considerações Finais

Mediante exposto nesta pesquisa, foi buscado contemplar e desenvolver, observações pedagógicas, focadas na experiência desenvolvida com os estudantes de forma prática e empírica. É pertinente, que os discentes são os verdadeiros protagonistas de sua própria história, e como tanto, necessitam está consciente do seu papel, na sociedade e no mundo.

O estudante que justifica sua ida a escola todos os dias, busca uma solução para sua pobreza e também um ideal dentro de um contexto de violência diária, onde a escola é o ambiente “mais seguro” da comunidade, até mesmo comparado a sua própria casa. Por unirmos todas essas necessidades tanto dos discentes como dos docentes, teremos que buscar constantemente uma forma de aperfeiçoar e alcançar cada dia mais o âmago destes estudantes tão específicos, dentro de suas carências e ideias muitas vezes obscuras.

Referências

BONDÍA, J. L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística, 2002.

DEWEY, J. **Arte como Experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. ed. Martins Fontes, 2010.

_____. **Experiência e Educação**. Tradução de Renata Gaspar. ed. Editora Vozes, 2023.